



A Estratégia de Segurança Nacional dos EUA de 2025 e o Desalinhamento Transatlântico: Implicações para a União Europeia

Autor: Agostinho Paiva da Cunha, Coronel Ph.D.

A publicação da nova Estratégia de Segurança Nacional dos EUA (NSS, na sigla em inglês) é interpretada como mais um esforço americano na tentativa de subjugar a União Europeia às políticas e interesses dos Estados Unidos, que destrói a base da boa cooperação anterior existente e consome o desalinhamento dos interesses comuns ocidentais.

A estratégia de segurança americana anuncia **o fim de uma era de profícua cooperação transatlântica** que se pautava pelo respeito mútuo, pela defesa dos princípios da democracia liberal e do multilateralismo, sob a égide dos princípios da Carta da Organização das Nações Unidas (ONU). Além disso, o diploma americano consagra uma nova postura estratégica que se afigura **hegemónica e isolacionista** por parte dos EUA.

Esta NSS reafirma a política *MAGA* (Make America Great Again) com um foco exacerbado nos interesses exclusivamente nacionais americanos, enquanto defende princípios que se desalinham dos valores democráticos e dos seus tradicionais aliados, demonstrando um profundo desprezo pelas regras-base do direito internacional.

I. A Preferência por uma Cooperação Estratégica Distinta

A nova NSS demonstra a preferência dos EUA para a construção de uma cooperação mais estreita com os seus adversários, com a “**procura de uma estabilidade estratégica com a Rússia**” acompanhada de uma benevolente neutralidade desconcertante com os seus inimigos e adversários.

Esta opção surge em detrimento da continuação do aprofundamento da cooperação com os seus tradicionais aliados europeus, que são agora descritos como obsoletos, em estagnação económica e em processo de erosão civilizacional.

O documento prevê uma garantia do contínuo livre acesso americano a locais estratégicos em solo europeu e a possibilidade de **intervenção nas políticas internas** e na conduta das políticas nacionais dos países europeus. Manifesta-se pelo incentivo à fragmentação europeia e pela exortação às independências nacionais, bem como no apoio à influência dos chamados partidos "patriotas" (suspeitos de financiamento russo) e de políticas de extrema-direita nos países europeus. Em essência, a estratégia americana promove os nacionalismos europeus e a desagregação da UE, seguindo uma lógica de "**dividir para reinar**".

Na realidade, a UE continua a ser reconhecida como uma potência económica, tornando-se assim uma ameaça ao poder americano e o único meio dos estados europeus se manterem relevantes no atual contexto político e de segurança internacional.

II. O Desafio à Ordem Internacional e o Abandono de Compromissos

Implicitamente, a estratégia americana **põe em causa o princípio da independência política e territorial do estado soberano**. Isto é evidenciado não apenas pela possibilidade das intervenções políticas já anunciadas, mas também pelo apoio demonstrado à agressão russa na invasão da Ucrânia e pelos planos anunciados de possíveis ações de ocupação americana no Panamá e Gronelândia.

É ainda alarmante a afirmação da promoção do pacifismo americano por meio da **paz pela força**, ao mesmo tempo que colocam importantes forças navais, terrestres e aéreas nas fronteiras da Venezuela sob pretexto de uma suposta luta antidrogas.

A administração Trump prepara-se assim para **desencadear outra guerra desigual**, mais com a intenção de derrotar uma ideologia adversa e obter acesso a recursos minerais e energéticos do que para promover a alegada segurança sobre a distribuição de estupefacientes.

É muito preocupante o **abandono americano da Ucrânia**, que é deixada à sua sorte após lhe ter sido prometido apoio claro e continuado nos esforços de resistência contra a agressão e invasão russa. Esta não é a primeira vez que os EUA abandonam e iludem os seus aliados, com repercussões significativas para o sistema internacional. Assim sucedeu com o Xá da Pérsia, no Iraque e no Afeganistão, para mencionar apenas alguns exemplos. Este padrão de comportamento americano sinaliza repetidamente aos seus aliados que são descartáveis e meros peões no tabuleiro do xadrez do “superior” interesse americano.

A administração Trump apresenta também nesta sua estratégia nacional de segurança **alarmantes sinais de tendência imperialista e de afastamento dos princípios democráticos**, continuando a sua deriva para um sistema autocrático com laivos totalitaristas.

Reveladoramente, no documento publicado, são tecidas **críticas corrosivas e depreciativas** dos sistemas políticos democráticos da UE e dos países europeus. Estas críticas americanas pretendem apenas disfarçar os próprios sintomas antidemocráticos, bem manifestados no seu desrespeito pela liberdade de opinião e de expressão, na proibição do acesso à Casa Branca de determinados meios de comunicação que não lhe são subservientes, no desrespeito pelas decisões dos órgãos judiciais, nas detenções sumárias e expulsão de cidadãos americanos, de refugiados e de emigrantes, legais e ilegais, nas perseguições políticas e no uso de políticas consideradas de terror, entre outros.

III. Implicações para a UE e a Necessidade de Autonomia Estratégica

A nova estratégia de segurança nacional americana é caracterizada pelo seu tom **arrogante, antidemocrático, imperialista e abusador** do princípio da igualdade soberana entre os estados. Representa uma ameaça para a Europa, para a NATO e, potencialmente, para a estabilidade global.

Perante o cenário expresso nesta NSS, torna-se imperativo que a UE alcance rapidamente um consenso sobre a sua segurança e defesa, definindo uma visão para o seu futuro. Um futuro para todos os europeus, que assegure a preservação dos seus princípios, da democracia liberal e a segurança dos seus habitantes. Um futuro consonante com as aspirações da maioria dos cidadãos europeus, em que **não seja forçada a sucumbir à ditadura paralisante de minorias internas** ou claudique face a ameaças de atores externos.

É chegado o momento dos países europeus que não fazem parte da UE, mas também daqueles que já são membros, **decidirem se desejam ou não fazer parte do atual projeto comum europeu**. A perspectiva das ameaças que assolam a Europa e as atuais necessidades de segurança e defesa extravasam claramente as capacidades exclusivamente nacionais de cada país europeu. As atuais ameaças internacionais são suficientemente relevantes para reclamar de cada estado europeu, neste momento, uma decisão clara e inequívoca neste âmbito, sob risco de serem deixados fora da nova arquitetura de segurança e defesa europeia, com risco para os próprios e para a União Europeia como um todo.

É chegado o momento da União Europeia **garantir um apoio verdadeiramente eficaz à Ucrânia**, na sua qualidade de país soberano agredido e invadido e como primeira linha da defesa europeia contra as investidas imperialistas hegemónicas russas.

É chegado o momento da UE se assumir como garante da sua própria segurança, sem receio de ameaças russas, ou outras, que têm paralisado a União, e sem depender da ajuda americana que, no contexto atual, dificilmente seria fiável. É fundamental avançar para uma **verdadeira autonomia estratégica e de segurança autónoma da União Europeia**.

A UE deve, contudo, manter em aberto a hipótese de um mundo pós-Trump em que os EUA possam reverter esta sua deriva antidemocrática e hegemónica.

A memória e a experiência de duas Grandes Guerras em solo europeu no século passado, fomentadas por interesses nacionais expansionistas e tentativas hegemónicas que resultaram em destruição e morte sem precedentes, exigem que se atue preventivamente para que não se repitam. Importa assim aos europeus fazer o que for necessário para que ameaças semelhantes não prevaleçam, sejam elas provenientes da Rússia ou dos seus ainda aliados americanos.